

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**MATHEUS PINTO DE ALMEIDA**

**Os lugares LGBT's do centro da cidade de São Paulo**

São Paulo  
2019

MATHEUS PINTO DE ALMEIDA

**Os lugares LGBT's do centro da cidade de São Paulo**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI)  
apresentado ao Departamento de Geografia da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas, da Universidade de São Paulo,  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Profa. Dra. Isabel Alvarez

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Almeida, Matheus  
A4471 Os Lugares LGBT's do Centro da Cidade de São  
Paulo /  
Matheus Almeida ; orientadora Isabel Alvarez.  
- São Paulo, 2019.  
43 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de  
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Urbanidade. 2. Homossexualidade. 3. Território.  
I. Alvarez, Isabel, orient. II. Título.

## **Agradecimentos**

À professora, orientadora e amiga Isabel por fazer deste trabalho possível, cujo papel na orientação foi fundamental para a existência deste trabalho. Agradeço a ela, também, por aceitar um tema que sofre ainda muito preconceito, e por ver na Geografia um espaço que abrange as mudanças sociais para todos, mas principalmente para populações marginalizadas.

Agradeço também meus amigos Lucas, Illana e Veronica, que tiraram parte de seu tempo para ler, corrigir e entender o meu trabalho desde quando era apenas um resumo.

Agradeço a todos os meus amigos, mas particularmente Breno e Melina, por estarem presentes em todos os momentos desde o começo de nossa amizade, mesmo nos períodos de dificuldade.

Por fim, agradeço a todos os membros do núcleo de minha família, meu irmão Guilherme, minha irmã Nathalia, meu pai Adriano e minhas duas sobrinhas, Helena Maria e Clara Luz.

Dedico este trabalho à minha mãe, Thelma Maria, cujo presente nunca pude retribuir em vida por tantos anos de cuidado, carinho e apoio, mas que agradeço por cada conquista e por cada traço de empatia, amor e educação que sua criação me forneceu, que hoje permanecem em mim junto da imensa saudade.

## **Resumo**

ALMEIDA, M. P. Os lugares LGBT's no centro da cidade de São Paulo. 2019. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Este trabalho apresenta estudos na área do conhecimento da Geografia Urbana, cujo conteúdo visa explicar os fenômenos urbanos que justificam a existência de um lugar LGBT no centro da cidade de São Paulo. O centro da cidade de São Paulo é popularmente conhecido por diversos usos, incluindo o uso para entretenimento voltado ao público alternativo ligado a sexualidade e gênero. A partir disto, surgiram as perguntas: em que local do centro estão os lugares voltados à população LGBT e qual a lógica da produção do espaço urbano que permite que uma população marginalizada esteja presente no centro da cidade moderna? Assim, usando uma metodologia proposta e uma ferramenta de produção de mapas, verificamos que existem dois locais principais dentro do centro da cidade de São Paulo para a população LGBT, o Distrito República e a Rua Augusta e entornos. Optamos, então, por bibliografias ligadas a Geografia Urbana Crítica para a compreensão do espaço estudado, analisando diversas hipóteses até chegarmos à conclusão de que no centro de São Paulo ocorre uma territorialização da sexualidade, em um processo de multiterritorialidade em um centro complexo e contraditório em sua produção.

Palavras Chave: uso do território - metrópole - geografia urbana

## **ABSTRACT**

This work shows studies in the area of knowledge of the Urban Geography, whose content aims to explain the urban phenomenons that justifies the existence of a LGBT place in São Paulo's downtown. São Paulo's downtown is popularly known as a place for diverse uses, including the use for alternative entertainment associated with sexuality and gender. From this, two questions appeared: in which spots of São Paulo's downtown are the places directed to LGBT people and what is the logic of the production of the urban space that allows a marginalized group of people to be present in a modern city downtown? So, by using a proposed methodology and a map creating tool, we verified that there are two places inside São Paulo's downtown, the Republic District and Augusta Street and surroundings. We opted for bibliography connected to the Critic Urban Geography for the comprehension of the studied space, analysing different hypothesis until concluding that in São Paulo's downtown there is a territorialization of the sexuality, in a process of multiterritoriality of a complex and contradictory in it's production downtown.

## **Lista de Figuras**

Figura 1. Tabela com resultado parcial dos dados coletados	12
Figura 2. Mapa referente aos estabelecimentos amigáveis ao público LGBT em distritos de São Paulo.	14
Figura 3. Nesta versão do mapa foram adicionados dois distritos, Alto de Pinheiros e Perdizes, onde não identificamos outros estabelecimentos de interesse.	15
Figura 4. Este mapa apresenta toda a cidade de São Paulo e os estabelecimentos de interesse que encontramos em todo o estudo.	16
Figura 5. Fachada do Bar e Café Urbe	20
Figura 6. Um dos acessos à Praça Roosevelt	22
Figura 7. Fachada da Danger Dance Club	24
Figura 8. Atual fachada da casa noturna Alôka Club	25
Figura 9. Fachada do restaurante Sukiya na Augusta	28
Figura 10. Fachada da loja Au Bottier na Augusta	30
Figura 11. A Atual Fachada do Parque Augusta	32
Figura 12. Parte do Largo do Arouche e a fachada da casa noturna Cantho.	33

### **Lista de Siglas**

LGBT      Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 1 - A coleta dos dados, a sistematização dos dados e as hipóteses iniciais.....</b>	<b>12</b>
I.1. Sistematização inicial dos dados.....	12
I.2. O gueto e o território de uso como hipóteses iniciais.....	17
<b>Capítulo 2 - Rua Augusta e o Distrito República como os principais lugares LGBT's de São Paulo.....</b>	<b>18</b>
II.1 - A produção da Rua Augusta e o seu uso pela população LGBT.....	18
II.2. - O Distrito República e seu papel histórico no uso pela população LGBT de São Paulo.....	21
II.3 - A conquista de direitos e a expansão da produção de lugares ligados à sexualidade.....	26
<b>Capítulo 3 - A centralidade, o centro e o território na produção do espaço LGBT de São Paulo.....</b>	<b>31</b>
III.1. - A Rua Augusta e a dinâmica da produção de uma centralidade.....	34
III.2. - Discutindo a concentração de estabelecimentos e de uso pela população LGBT a partir dos conceitos de gueto e território de uso.....	36
III.3 - A territorialização da sexualidade - uma compreensão possível.....	38
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>41</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>42</b>
Guias Consultados.....	44

## Introdução

O presente trabalho apresenta estudos dentro da área do conhecimento da Geografia, mais especificamente na área da Geografia Urbana Crítica, associados ao estudo de gênero, entendida por alguns autores também como Geografia do Gênero. CARLOS (2011) explicita que, diante das mudanças ocorridas na ciência geográfica principalmente a partir dos anos 80, a Geografia Urbana Crítica coloca o homem como atuante em um espaço produzido pela produção e reprodução da própria vida humana. É neste sentido que pretendemos inserir os estudos da cidade neste trabalho.

“A geografia, enquanto ciência, passa a explicar o processo da produção espacial a partir da produção/reprodução da vida humana e nesse sentido, o homem de habitante passa a ser entendido como sujeito dessa produção. Nessa perspectiva a sociedade considerada como criadora de espaços é a sociedade tal como ela é, dividida em classes. Parte-se para uma geografia mais engajada, consciente dos problemas do homem, voltada para a realidade não só enquanto forma para sua explicação e/ou compreensão, mas de sua transformação. Isto porque a geografia vem se posicionando frente a realidade entendendo-a em suas múltiplas determinações; em sua multiplicidade de tensões, de confrontações, de lutas, tomando consciência das contradições inerentes ao processo de construção da realidade urbana. Isto é, privilegia-se o real em sua dimensão histórico-social.” (CARLOS, Ana Fani Alessandri, 2011, p.120)

Referente aos estudos de gênero, existem diversas diretrizes e aproximações possíveis. Penso que, para este trabalho, é mais apropriado o uso dos estudos da Geografia de Gênero com aproximação feminista, na qual entendemos que o espaço não é neutro no ponto de vista do gênero e incorpora diferenças sociais nos territórios não somente entre homens e mulheres, mas entre todos os seres sociais com expressões ligadas mais a feminilidade ou a masculinidade em seu senso comum.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O estudo de gênero e as escolhas metodológicas deste trabalho podem ser entendidos melhor a partir da obra de SILVA (1998), GEOGRAFIA E GÊNERO/GEOGRAFIA FEMINISTA - O QUE É ISTO?.

Assim, pretendemos explicar o fenômeno da territorialização ligado à sexualidade no centro da cidade de São Paulo, onde mostraremos passo a passo quais foram as metodologias utilizadas para esse estudo e quais as bibliografias que permitiram gerar uma interpretação sobre a urbanização no local. Trataremos especificamente da sigla LGBT como definido pela ABGLT em 2008 (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).<sup>2</sup>

Inicialmente, foi realizada uma coleta de dados criteriosa sobre os estabelecimentos comerciais LGBT's em São Paulo. Estes dados permitiram produzir um mapa base referente ao tema estudado, que foi associado ao conteúdo bibliográfico para entendimento do que ocorre na área. Tendo em vista a concentração destes estabelecimentos. Antes de coletarmos os dados e estabelecermos diretrizes para a criação do mapa, foram levantadas duas hipóteses iniciais: o da possibilidade de guetificação, de WACQUANT (2004) e MACRAE (1983) e a hipótese de Território de Uso desenvolvida por SEABRA (2004). O primeiro expressa um cerceamento da prática social a um determinado local, sendo também local de enclausuramento de possibilidades, expressão cultural e espacial. Já o segundo caminho evidencia certa limitação da prática social a um local, mas que observa a práxis como uma possibilidade de apropriação da cidade, ligado a outros usos no mesmo espaço, como o residencial.

Como passo seguinte à elaboração do mapa, voltamos à bibliografia sobre gênero e sobre a produção do espaço urbano pois a sistematização dos dados coletados resultou em algo diferente do esperado inicialmente: ao invés de uma concentração exclusiva na região do distrito República, notou-se que as casas estão tanto na República quanto em toda a Rua Augusta e entorno, chegando a região da Bela Vista. As análises levaram a hipóteses novas, a partir de leituras de CARLOS (2004) e ALVES (2007), cujos os estudos sobre o centro, a centralidade e a produção do espaço urbano na cidade de São Paulo apontaram que as duas hipóteses iniciais estavam equivocadas, apesar de apontarem caminhos importantes para a pesquisa.

---

<sup>2</sup> ABGLT - Nota Oficial Sobre o Uso da Sigla LGBT. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/abglit-nota-oficial-sobre-o-uso-da-sigla-lgbt/>> acesso em 25 de abril de 2018.

Apesar de, como dito anteriormente, entendermos o homem como ser atuante do espaço e conseqüentemente seu modificador, não focaremos na complexidade dos desses agentes, mas compreendemos que a homossexualidade, a bissexualidade, o lesbianismo e a transgeneridade são fatores produtores e reprodutores do espaço estudado, assim como o preconceito contra todos ou cada um deles.

Serão explicados todos os caminhos desde a hipótese inicial até o resultado final, mostrando todo o percurso metodológico, para melhor esclarecer os resultados e conclusões finais.

## Capítulo 1 - A coleta dos dados, a sistematização dos dados e as hipóteses iniciais

### I.1. Sistematização inicial dos dados

Num primeiro momento, foi estabelecida uma meta principal, a criação de um mapa que expressasse por si só a concentração dos estabelecimentos LGBT's no centro da cidade de São Paulo. Assim, foram realizados trabalhos de campo de coleta de dados associado ao estudo de organização de dados de ALMEIDA (2016), que sistematizou as informações iniciais necessárias para o mapeamento. A figura abaixo representa parte desses dados para expressar a maneira como foram organizados.

**Figura 1. Tabela com resultado parcial dos dados coletados**

FID	Shape	Id	NOME	END	NUM	DISTRITO	TIPO	PUBLICO
0	Point	0	DIRECTORS GOURMET	ALAMEDA FRANCA	1552	PINHEIROS	BAR	FRIENDLY
1	Point	0	RITZ	ALAMEDA FRANCA	1088	PINHEIROS	BAR	FRIENDLY
2	Point	0	LANCHONETE NOVA VIEIRA	AVENIDA DOUTOR VIEIRA DE CARVALHO	31	REPUBLICA	BAR	FRIENDLY
3	Point	0	CANECA DE PRATA	AVENIDA DOUTOR VIEIRA DE CARVALHO	63	REPUBLICA	BAR	GAY
4	Point	0	SODA POP BAR	AVENIDA DOUTOR VIEIRA DE CARVALHO	43	REPUBLICA	BAR	GAY
5	Point	0	CAFE VERMONT	AVENIDA DOUTOR VIEIRA DE CARVALHO	10	REPUBLICA	BAR	LGBT
6	Point	0	PARIS 94	AVENIDA DOUTOR VIEIRA DE CARVALHO	94	REPUBLICA	BAR	LGBT
7	Point	0	GUINGAS BAR	AVENIDA SAPOEMBIA	1378	SAO MATEUS	BAR	LGBT
8	Point	0	BEER HOUSE	LARGO DO AROUCHE	88	REPUBLICA	BAR	LGBT
9	Point	0	ESTRELA DO AROUCHE	LARGO DO AROUCHE	82	REPUBLICA	BAR	LGBT
10	Point	0	LANCHONETE DO AROUCHE	LARGO DO AROUCHE	76	REPUBLICA	BAR	LGBT
11	Point	0	LUCY BAR FIM DE TARDE	LARGO DO AROUCHE	116	REPUBLICA	BAR	LGBT
12	Point	0	SAI DE BAIXO	LARGO DO AROUCHE	108	REPUBLICA	BAR	LGBT
13	Point	0	LEKITSCH	PRACA FRANKLIN ROOSEVELT	142	CONSOLACAO	BAR	FRIENDLY
14	Point	0	UP COZINHA E BAR	RUA ANTONIO CARLOS	395	CONSOLACAO	BAR	FRIENDLY
15	Point	0	ATHENAS	RUA AUGUSTA	1449	CONSOLACAO	BAR	FRIENDLY
16	Point	0	SK BAR	RUA AURORA	737	REPUBLICA	BAR	FRIENDLY
17	Point	0	LIMAS BAR	RUA BENTO FREITAS	151	REPUBLICA	BAR	GAY
18	Point	0	MISTUREBAR	RUA DA CONSOLACAO	2534	PINHEIROS	BAR	LGBT

Fonte: ALMEIDA, M. P., 2018

Os dados coletados são públicos e estão disponíveis nos Guias Online citados na bibliografia deste trabalho, com destaque para o Portal Guia Gay. Para a confirmação dessas informações foram realizados trabalhos de campos, telefonemas, acesso a portais virtuais e redes sociais e mensagens virtuais de diversas fontes (como e-mail). Foram escolhidos os estabelecimentos que se declaram a favor do público LGBT ou de algum membro de sua sigla, sem considerar pontos de prostituição ou estabelecimentos neutros. Para fins de comparação, alguns dados fora da área central e oeste foram coletados, mais a periferia da cidade. É creditada à ALMEIDA (2016) a coleta e sistematização inicial dos dados, mas eles foram novamente checados e novos dados foram

sistematizados e adicionados por mim para a aplicação no software que foi utilizado para produzir o mapa, Arcgis<sup>3</sup>.

A área de interesse foi definida de acordo com o local das casas coletadas na cidade, que estariam, como primeira hipótese, concentradas no centro da cidade, mais especificamente na região da República. Entretanto, o resultado obtido fez com que fosse mais apropriado representar 9 distritos dessa região: Barra Funda, Sé, República, Pinheiros, Lapa, Jardim Paulista, Consolação e Santa Cecília.

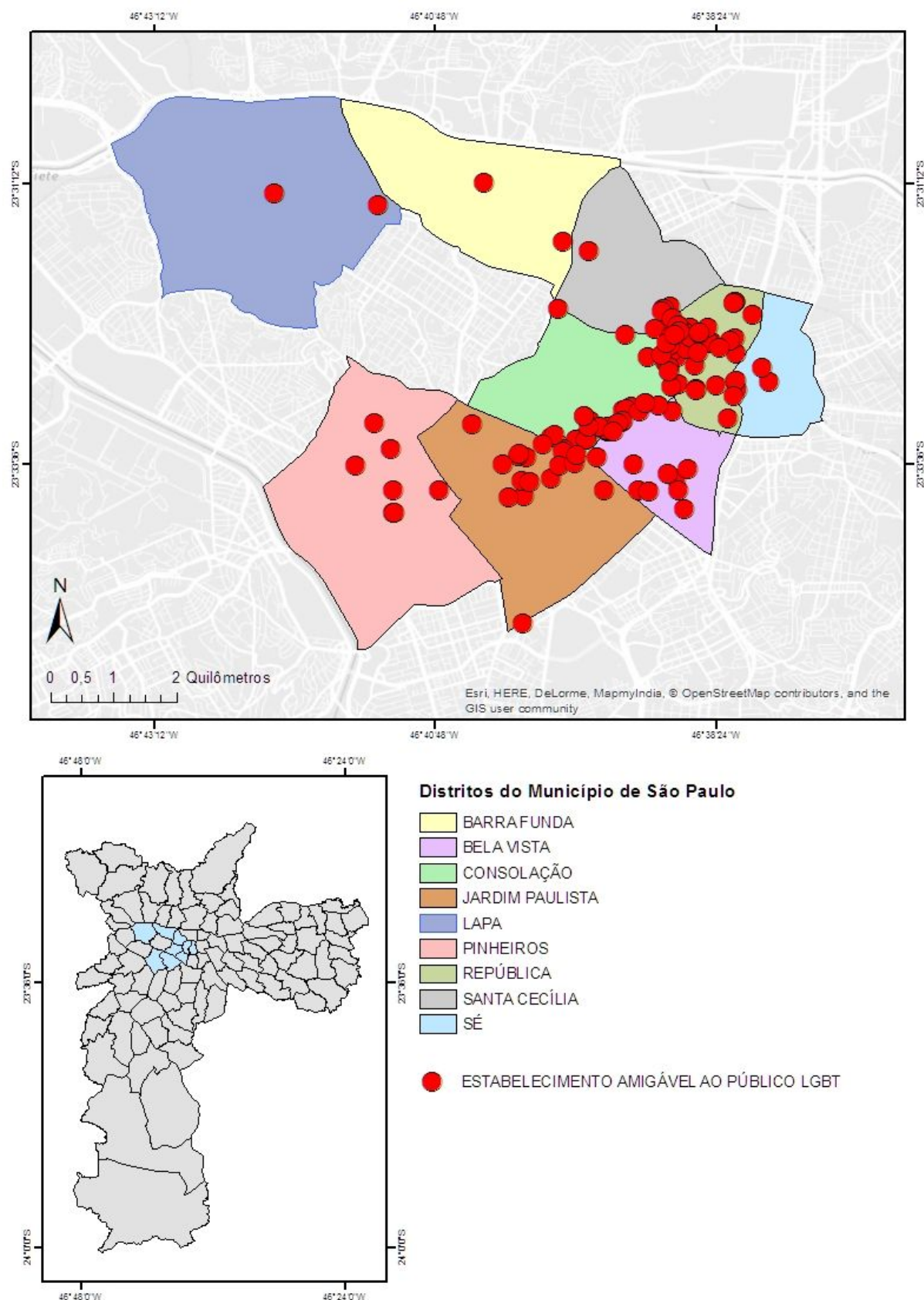
Além disso, foram realizados dois trabalhos de campo para verificação de dados fundamentais, um no mês de março de 2018 e outro em janeiro de 2019, ambos passando pelo distrito República e pela Rua Augusta. Durante o desenvolvimento do trabalho, serão exibidas fotografias de alguns dos locais visitados.

Os resultados podem ser conferidos nas 3 figuras a seguir.

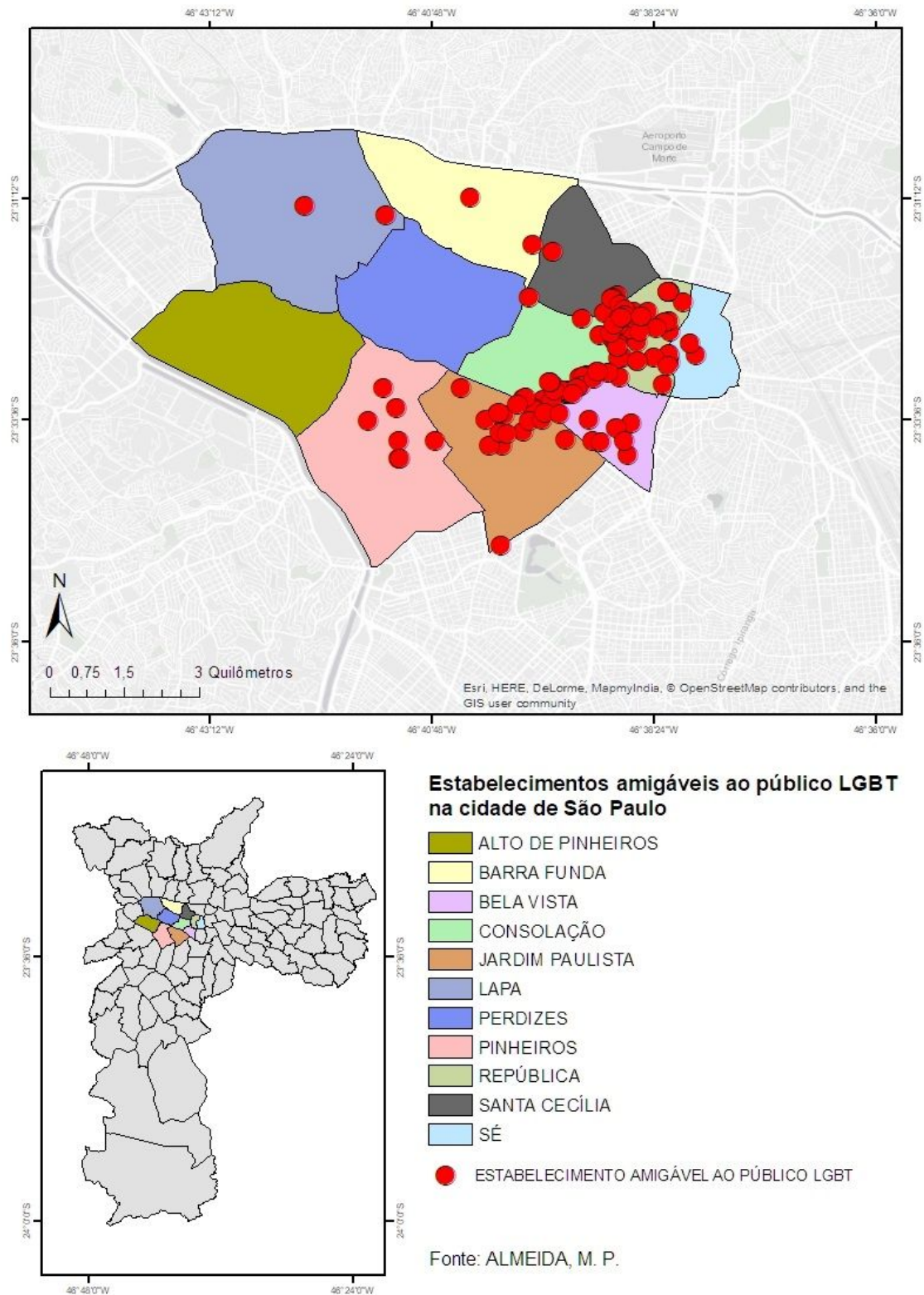
---

<sup>3</sup> *ArcGis* 10.3, desenvolvido pela ESRI. Disponível em <<https://www.esri.com/en-us/arcgis/about-arcgis/overview>>

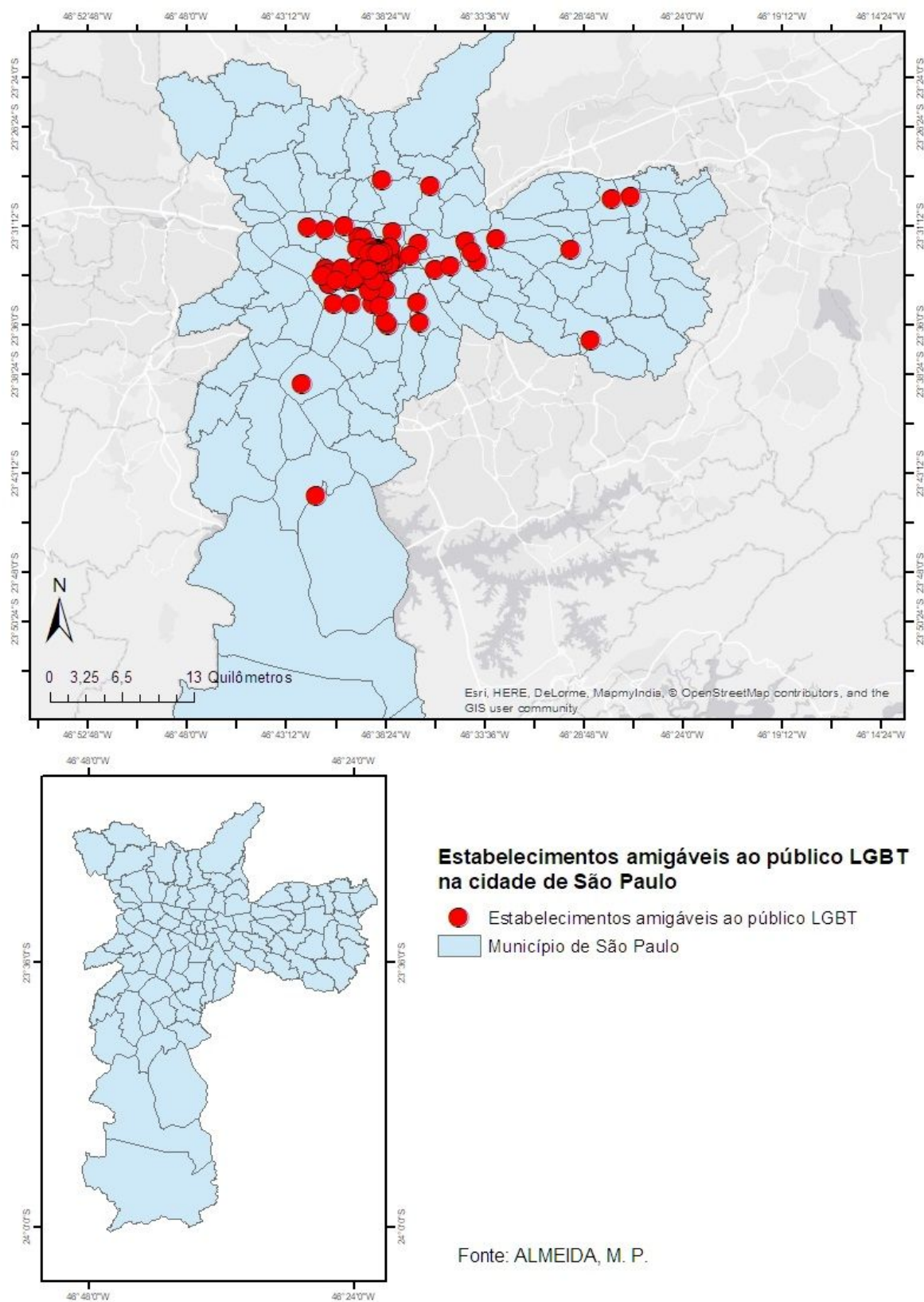
**Figura 2. Mapa referente aos estabelecimentos amigáveis ao público LGBT em 9 distritos de São Paulo.**



**Figura 3. Nesta versão do mapa foram adicionados dois distritos, Alto de Pinheiros e Perdizes, onde não identificamos outros estabelecimentos de interesse.**



**Figura 4. Este mapa apresenta toda a cidade de São Paulo e os estabelecimentos de interesse que encontramos em todo o estudo.**



## I.2. O gueto e o território de uso como hipóteses iniciais

As duas hipóteses iniciais, pensadas antes da coleta de dados e do mapeamento completo, consistem nas seguintes ideias: a de que a concentração destas casas e os seus usos poderiam ser apreendidas como de Território de Uso tal como apresentado por SEABRA (2004) ou o de guetificação, que envolveria as proposições de WACQUANT (2004). A primeira hipótese estuda esta concentração e os usos a ela relacionados como um processo contraditório, que revela uma possibilidade de apropriação da cidade ligada à prática, ainda que limitada e ligada a outras práticas sociais, como a residencial, enquanto a segunda aponta que esta concentração seria um possível cerceamento da prática social a um determinado local, com barreiras que seriam visíveis em um projeto de mapeamento.

Ambas as hipóteses apontam caminhos para entender o centro LGBT da cidade de São Paulo, mas são incapazes, por si só, de explicar a complexidade do que ocorre no local. Mais a frente serão colocadas em contraste com as bibliografias e conceitos utilizados para de fato entender o local, leituras que incluem CARLOS (2007), com o artigo “A Segregação como Fundamento da Crise Urbana” e LEFEBVRE (2004), com o livro “A Revolução Urbana” e o artigo intitulado “El espacio: producto social y valor de uso”. Para o mapa, utilizou-se a base de dados de ALMEIDA (2015), confrontados com os trabalhos de campo e coleta de informações em outras fontes, como os guias online. Para compreender a concentração destes estabelecimentos, buscamos em PISSARDO (2013) elementos para refletir sobre a centralidade da Rua Augusta; em GREEN (2005) para compreender o distrito República. Para refletir sobre a produção do espaço urbano e tentar explicar a concentração destes estabelecimentos e o seu sentido urbano, lemos WACQUANT (2004), SEABRA (2004), MACRAE (1983), SILVA (2007), CARLOS (2007) e ALVES (2010) .

## **Capítulo 2 - Rua Augusta e o Distrito República como os principais lugares LGBT's de São Paulo**

Como citado, das duas hipóteses inicialmente estabelecidas, nenhuma pareceu-nos explicar completamente a situação observada nos trabalhos de campo e nos dados sistematizados. Isto será desenvolvido de acordo com a explicação do mapa, apontando os caminhos que foram seguidos e os caminhos em aberto da pesquisa.

Como o mapa principal revela (Figura 2), a presença de casas entre os distrito da Bela Vista e Consolação, expandindo para o Jardim Paulista, mostra uma concentração na Rua Augusta e entornos, já que esta liga o bairro Jardins ao centro da cidade. Além disso, foi possível observar casas no distrito República, com maior espaçamento entre diversas ruas do local. Para fins de comparação, foram produzidos outros dois mapas com todos os dados coletados, mostrando como os distritos de Perdizes e Alto de Pinheiros não apresentam nenhum estabelecimento (Figura 3) e também os estabelecimentos encontrados nas periferias da cidade (Figura 4), ambos para fim de comparação.

Para explicar essa concentração na Rua Augusta, fez-se necessário buscar bibliografias que explicassem o que ocorre historicamente nessa rua, para complementar o que foi obtido em trabalho de campo e pelo mapa. O mesmo foi feito para o distrito República, onde optou-se pelos estudos sobre a homossexualidade em São Paulo desde os anos 50 até o fim dos anos 80 de James Green.

### **II.1. A produção da Rua Augusta e o seu uso pela população LGBT**

PISSARDO (2013) produziu uma dissertação de mestrado que discorre sobre a história da Rua Augusta desde o fim do século 19. Nos anos 70, quando parte de casas gays já existiam na cidade de São Paulo (GREEN, 2005), Pissardo identifica que o processo de urbanização do Baixo-Augusta e Augusta-Centro priorizavam principalmente a construção de prostíbulos, enquanto o Alto-Augusta contava com a construção de hotéis de alta classe. Não há indícios, ainda, de

estabelecimentos legais e voltados para o público LGBT nos termos estudados. Há, entretanto, a presença de um novo uso social diverso ligado a públicos heterogêneos, que incluirá de maneira significativa o público gay somente a partir dos anos 90 (PISSARDO, p. 154). Reforça-se que a ocupação ligada a sexualidade não era nula na Augusta. Um dos grandes exemplos desse uso nos anos 70 foi quando a Drag Queen Wilza Carla desceu a Rua Augusta montada em um elefante para uma festa na antiga casa noturna Medieval, uma das únicas do local, bastante próxima da Avenida Paulista. A boate não existe mais.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A história da Drag Wilza é contada no filme SÃO PAULO EM HI-FI, de Lufe Stefen, mas o caso pode ser acessado via reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1773544-filme-e-livros-resgatam-memoria-das-boates-mais-extravagantes-do-pais.shtml>> Acesso em 28 de setembro de 2018.

**Figura 5. Fachada do Bar e Café Urbe, local que emprega diversos funcionários LGBT's e é também atração para o mesmo público.**



Fonte: ALMEIDA, M.P., 2019

O aparecimento destas casas na Augusta parece estar diretamente vinculado a uma mudança de práticas e vivências da comunidade, que se verifica, segundo GREEN (2004) a partir dos anos 1970, mas se torna mais visível nos anos 1990, marcando a definição da Augusta como novo eixo destas práticas e vivências, a partir de meados dos anos 2000. Segundo PISSARDO (2013), as primeiras casas noturnas dedicadas ao público alternativo na rua Augusta, estão ligadas

principalmente a apreciação a algum gênero musical, como a Ursa Maior (1993) e a Columbia (1991).

"Apesar de já frequentada por grupos sociais diversos, no início do Século XXI a Rua Augusta ganha visibilidade midiática e um fluxo maior de jovens circulando na rua sobretudo a partir de 2005 (...). Já iniciada com o fechamento de diversas boates de prostituição em 2000, a pretendida 'revitalização' do espaço ganha corpo no sucesso das casas noturnas e é divulgado com exaustão pelos jornais da época." (PISSARDO, Felipe. 2013. p. 154).

Nota-se a substituição da informalidade pela formalidade, já que tirar vantagem da prostituição de um terceiro é crime no Brasil desde 1940.<sup>5</sup>

## II.2. - O Distrito República e seu papel histórico no uso pela população LGBT de São Paulo

Já no distrito República, GREEN (2004) aponta que ali se concentra a única área conhecida popularmente como gay entre os anos 1950 e 1970.

"A região principal que tem sobrevivido, por muito tempo, como ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo, pode ser caracterizada por um grande T, formado pela confluência das Avenidas São João e Ipiranga, tendo como pontos cardeais os cinemas Oásis, ArtPalácio e início da Rua São Luiz. A vida de rua encontra alguns focos principais: imediações do Café Mocambo (Rua dos Timbiras), Bar do Jeca (esquina da Avenida São João com a Ipiranga, o passeio de todo o quarteirão formado pelas Avenidas São João e Ipiranga, Praça da República e Rua dos Timbiras, Avenida São João desde o cine Oásis até o ArtPalácio (lado ímpar), Praça Dom José Gaspar (principalmente diante dos bares aí localizados), toda a praça da República, Largo do Paissandu, Rua São Luiz (principalmente diante dos bares), Praça da Sé, Praça Clóvis Beviláqua, Praça João Mendes, Praça Ramos de Azevedo (em frente à loja Mappin

---

<sup>5</sup> Art 230. do Código Penal. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10609667/artigo-230-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

Store). À tarde, na rua Barão de Itapetininga, e nos bares da República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremarie, Bhrama, Baiúca. Os cinemas ArtPalácio (principalmente às segundas-feiras), Oásis, Marabá (principalmente às quartas-feiras), Cairo, Pedro II, Cinemundi Santa Helena. Banheiros Públicos, principalmente os da Praça da República, do Largo do Arouche, do Largo Paissandu, da Praça Ramos de Azevedo e dos cinemas e bares citados. Estações de ônibus intermunicipais, estações de estrada de ferro e quartéis.” (p. 73, 2005)

**Figura 6. Um dos acessos à Praça Roosevelt, ponto de encontro público bastante frequentado por LGBT's**



Fonte: ALMEIDA, M.P., 2019

O início da mudança do uso na República acontece a partir dos anos 90, quando os grandes cinemas e bares serão substituídos por espaços fechados e casas noturnas como a Danger Dance Club (2000), Bar Queen (2001) e ABC Bailão (1997). Ainda assim, o público que frequenta essa região conta com espaços ainda

mais alternativos e marginalizados, dedicados ao samba, músicas antigas, e outros ritmos mais associados ao público LGBT mais velho, além do público lésbico e transexual, como o Boteco da Delli. Ressalta-se que todas essas informações são públicas e coletadas a partir das informações das próprias casas expostas no Guia Gay de São Paulo.

**Figura 7. Fachada da Danger Dance Club, a casa noturna é bastante discreta ao apresentar um logo pequeno em meio a outros comércios no mesmo prédio, ainda que seja uma casa renomada de São Paulo e tenha recebido grandes nomes do público LGBT, como Silvetty Montilla.<sup>6</sup>**



Fonte: Fotografia ALMEIDA, M.P., 2019

Logo Danger Dance Club: Facebook da página oficial Danger Dance Club, 2019

Na Augusta, por outro lado, os estabelecimentos LGBT's mais recentes datam majoritariamente de 2005 pra frente, estando classificados como LGBT ou

---

<sup>6</sup> Silvetty Montilla é uma personalidade e drag queen LGBT bastante influente, recentemente estreando em seriado da Netflix e participando de diversos programas de televisão. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Silvetty\\_Montilla](https://pt.wikipedia.org/wiki/Silvetty_Montilla)> Acesso em 06 de fevereiro de 2019.

gay, direcionado ao público jovem e à cultura pop, como a 1007 Augusta, o Anexo B, o Bar do Netão e demais lugares que foram listados no mapeamento (exceto o 'Bar do Netão' que fechou as portas e o Anexo B que se integrou ao 'Beco 203', outra casa noturna da região). A balada 'Alôca' foi pioneira no fim dos anos 90, expandindo a ocupação do público LGBT da Augusta para a Frei Caneca, e passou por um processo de renovação e agora se chama Alôka Club, e em seu site consta que existe desde 2018, mesmo que tenha nascido nos anos 90 para um público mais voltado ao que parecia estar na região da República.

**Figura 8. Atual fachada da casa noturna Alôka Club, localizada entre a Rua Augusta e a Frei Caneca. Importante comparar com a fachada da Danger Dance Club, já que esta é bem menos discreta mesmo durante o dia.**



Fonte: ALMEIDA, M.P., 2019.

## II.3 - A conquista de direitos e a expansão da produção de lugares ligados à sexualidade

O fenômeno da ocupação da Augusta por comércios legais LGBT's está diretamente ligado as datas de descriminalização ou legalização da homossexualidade no mundo e no Brasil. Como discutido, sempre houve apropriação, mas sua intensificação ocorreu a partir do início dos anos 2000, que relacionamos com os seguintes eventos:

1. O entendimento de que a homossexualidade não constitui doença ou perversão em 1999, junto da Organização Mundial de Saúde.<sup>7</sup>
2. Foi sancionada a Lei Maria da Penha, que considera justa a união homoafetiva em 2006.<sup>8</sup>
3. Declaração conjunta de imposto de renda por casais homoafetivos pelo Ministério da Fazenda em 2010.<sup>9</sup>
4. STF equipara relações entre pessoas do mesmo sexo à de união estável em 2011.<sup>10</sup>
5. Os cartórios são proibidos de recusar a união civil entre pessoas do mesmo sexo em 2013.<sup>11</sup>

Nunca foi efetivamente crime ser LGBT no Brasil. A única referência a alguma proibição está no Brasil Império, quando D. Pedro em 1830 elimina das leis

---

<sup>7</sup> Resolução CFP Nº 001/ 99 DE 29 DE MARÇO DE 1999. Disponível em <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)> Acesso em 05 de outubro de 2018.

<sup>8</sup> Lei Maria da Penha 11340/06. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

<sup>9</sup> Receita autoriza declaração conjunta de IR de homossexuais. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/12/receita-autoriza-declaracao-conjunta-de-ir-de-homossexuais.html>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

<sup>10</sup> Julgamento afasta diferença entre cônjuge e companheiro para fim sucessório. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=342982>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

<sup>11</sup> Resolução Nº 175. Disponível em <[http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o\\_n\\_175.pdf](http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf)> Acesso em 05 de outubro de 2018

qualquer referência a sodomia.<sup>12</sup>

É de conhecimento comum, entretanto, que houve e há repressão ligada a sexualidade e gênero no Brasil, cujas características mudaram bastante de acordo com a realidade do momento político do país. GREEN (2004), ao estudar a ditadura, ressalta as perseguições de militares especificamente contra LGBT's, a tortura e a condenação dessa população por crimes não cometidos com a justificativa de desvio moral. Todas as datas citadas acima estão no momento político da democracia no Brasil, que permitiu avanços. No ano de 2017, entretanto, houve aumento do assassinato de pessoas LGBT's no Brasil, número assustador que pode estar ligado novamente ao momento político do Brasil, entendido por alguns autores como antidemocrático (o golpe sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff ao ser retirada do seu cargo para dar lugar a Michel Temer, representando um projeto de ordem mais conservadora).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Beyond Carnival. Disponível em <<http://www.brazzil.com/blamar00.htm>> Acesso em 05 de outubro de 2018

<sup>13</sup> Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

**Figura 9. Fachada do restaurante Sukiya na Augusta. Em 2014, um garçom do local agrediu um casal homossexual que comia no restaurante por eles terem se despedido com um selinho.<sup>14</sup>**



Fonte: ALMEIDA, M.P., 2019

Além disso, há de se pensar nas lutas que garantiram esses direitos. Nenhum deles foi conquistado por generosidade pública, mas contam com a ocupação das ruas e a representatividade de LGBT's no congresso nacional. A atual Parada do Orgulho LGBT, por exemplo, teve sua primeira marcha em 1999 organizada pela ONG Associação da Parada do Orgulho GLBT (o termo utilizado na época), em São Paulo no ano de 1997, reunindo cerca de 2000 pessoas<sup>15</sup>. Em contrapartida, a Parada LGBT de São Paulo é hoje uma das maiores do mundo, e o

---

<sup>14</sup> Homofobia e violência no Sukiya. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/homofobia-e-violencia-sukiya/>> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

<sup>15</sup> Relembramos como foi a primeira parada LGBT do Brasil. Disponível em <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil](https://www.vice.com/pt_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil)> Acesso em 05 de outubro de 2018.

número mais alto de protestantes foi em 2011, com cerca de 4 milhões de pessoas ocupando a Avenida Paulista.<sup>16</sup>

“O nascimento do movimento homossexual no Brasil é marcado pela afirmação de um projeto de politização da questão da homossexualidade em contraste às alternativas presentes no "gueto" e em algumas associações existentes no período anterior ao seu surgimento. Essas associações, apesar de reunir homossexuais, possuíam uma atuação qualificada pelos militantes como "não- -politizada", por estar exclusivamente voltada para a "sociabilidade". Entre essas primeiras formas de associação de homossexuais, figuravam iniciativas como pequenos jornais distribuídos em bares, fãclubes de artistas e bailes de carnaval onde homossexuais se encontravam.” (FACCHINI, Regina. p. 1, 2015)

---

<sup>16</sup> Organização estima em 4 milhões público da parada Gay de SP. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/06/organizacao-estima-em-4-milhoes-publico-da-parada-gay-de-sp.html>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

**Figura 10. Fachada da loja Au Bottier na Augusta, loja de sapato bastante frequentada por travestis, transexuais e drag queens por oferecer uma variedade de tamanho de sapatos voltados para looks ousados.**

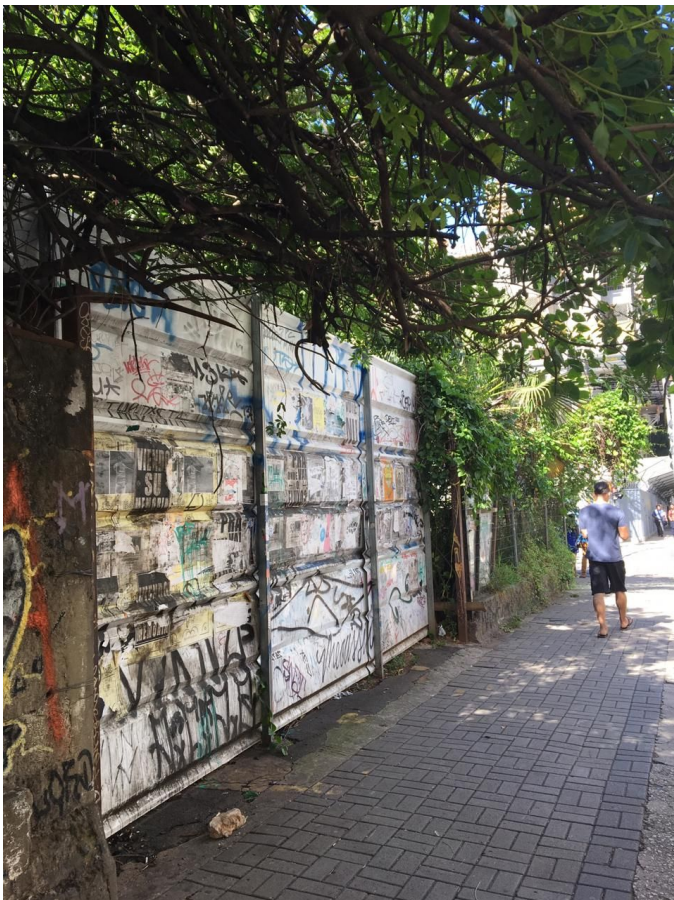


Fonte: ALMEIDA, M.P. 2019.

### **Capítulo 3 - A centralidade, o centro e o território na produção do espaço LGBT de São Paulo**

Entendemos que um dos processos importantes para tais estabelecimentos estarem atualmente na Augusta foram as diversas intervenções estatais nesta região. PISSARDO (2013) falará de algumas delas no histórico da rua, como em 1908 e 1911 quando a prefeitura entrou com fundos para construção de colégios religiosos (p. 59), que serviram de centro da educação burguesa para mulheres na época, em 1920 quando a prefeitura teve de conter o trânsito na área (p. 42), que contava com pedestres, carrocerias e automóveis em demasia para a estrutura da rua. Já a partir da década de 1970 o autor aponta para a desaprovação do projeto Nova Augusta em 1973 (p. 84), pressionada pelos donos de prostíbulo que queriam manter a situação atual da Augusta, enquanto os comerciantes visavam a aprovação do projeto para atrair consumidores; o incentivo a construção de hotéis de luxo em 1977 (p. 129), ligado diretamente à prostituição e, no início dos anos 2000 combate a deterioração, a ilegalidade e a prostituição nos anos 2000 (p. 142) e, mais recentemente discussão do Parque Augusta desde 2008 (p. 182), ambos referentes ao processo que levou a atual Augusta a ser conhecida pelo público alternativo como lar das melhores casas noturnas e ocupações alternativas da cidade de São Paulo, como avaliado por PISSARDO (2013, p. 160)

**Figura 11. A Atual Fachada do Parque Augusta, ainda fechado. A Prefeitura de São Paulo prevê a abertura até 2020.<sup>17</sup>**



Fonte: ALMEIDA, M.P., 2019.

Já a ocupação da República está mais ligada a um processo popular da segunda parte do século 20, como vimos a partir de Green. Não foram verificadas intervenções do Estado ou a participação de empresas privadas de maneira relevante para tornar o local um receptor do público LGBT, como ocorre na Augusta. O processo de interesse para este trabalho, portanto, é o que ocorre na Augusta, já que é o que parece estar em expansão, e conta com intervenções estatais e privadas para a construção dos estabelecimentos, além de, em números, contar com algumas casas a mais do que a República (71 na Augusta e entornos, cerca de 50 na República). Ressalto que a República ainda é um centro importante e muito ainda

---

<sup>17</sup> Acordo deverá implantar Parque Augusta até 2020. Disponível em <<https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/08/13/acordo-parque-augusta-2020.html>> Acesso em 28 de janeiro de 2019

pode ser dito sobre a população LGBT e a ocupação no lugar, portanto o foco na Augusta serve para explorar metodologicamente onde entendemos ser mais apropriado e viável, neste momento, para a compreensão dos processos atuais.

Para entender a Augusta, primeiramente é necessário colocá-la conceitualmente dentro da cidade, pensá-la em seu papel dentro da metrópole. A partir do conhecimento das ações do estado que foram acima relatadas, poderíamos pensar na produção de uma centralidade no eixo da rua Augusta?

**Figura 12. Parte do Largo do Arouche e a fachada da casa noturna Cantho. Como citado no trabalho, os lugares LGBT's de São Paulo se encontram junto de outros usos, como o comercial e residencial. Na imagem, a casa noturna LGBT Cantho, onde logo em cima vemos um prédio comercial.**



Fonte: ALMEIDA, M.P. 2019.

### III.1. - A Rua Augusta e a dinâmica da produção de uma centralidade

Segundo ALVES (2010), a cidade como existe hoje apresenta um centro em constante mudança para adaptação e permanência na lógica capitalista, de geração de valor de uso e de troca. O centro só existe com a condição da existência de uma periferia. A lógica estrita de um centro único e áreas de periferia em sua volta era uma realidade apenas quando o chamado centro histórico de São Paulo era o único presente na cidade. Com o crescimento do comércio e dos serviços, notou-se a necessidade de expandir estes setores para outros lugares da cidade, expansão essa que ocorreu, no caso das atividades mais modernas desses setores, para a região sudoeste da cidade.<sup>18</sup> A Augusta se localiza entre esses dois principais espaços e, por isso, em nosso entendimento, exprime características do que ALVES (2010) chama de centralidade.

“A centralidade se caracteriza por ser um processo que atrai fluxos de capitais, pessoas, atividades, definidos por uma racionalidade estatal que, agindo sobre o espaço urbano, o envolve de modo a condensar nele as riquezas e o poder, através de estratégias e planos aí desenvolvidos. Essa concentração de riquezas e poder tende a ser pontuada, elevando a importância de determinados locais, que se constituem em centros, onde se materializa o processo de concentração, ou dito de outra maneira, a centralidade adquire uma forma, uma espacialidade.” (ALVES, Glória da Anunciação, 2010, p. 10).

A nosso ver, o processo histórico de produção da metrópole, com o deslocamento do setor de comércio e serviços avançados para o sudoeste, reforçou a possibilidade da concentração desses estabelecimentos na Augusta, criando uma centralidade.

CARLOS (2007) também explicita como a produção do espaço urbano cria centralidades:

---

<sup>18</sup> Fundamentadas pelas Operações Urbanas Faria Lima e Água Espraiada, além de outras intervenções da prefeitura e do setor privado, o sudoeste de São Paulo se tornou um centro do setor financeiro, principalmente nas avenidas Faria Lima, Berrini e Nações Unidas (ALVES, Glória, 2010, p.56)

“Os momentos de produção do espaço geram centralidades diferenciadas em função do deslocamento do comércio, dos serviços e do lazer. Essas transformações decorrentes das funções dos lugares da cidade geram o que chamo de “centralidades móveis” - movimentação no espaço metropolitano de centros geradores de fluxo assentadas nas novas formas de comércio e dos serviços modernos (...)” (CARLOS, Ana Fani Alessandri, 2007, p. 15)

Essas centralidades exercem diversas funções na cidade. O centro a sudoeste da cidade já citado acima, por exemplo, exerce majoritariamente a função de abrigar o setor financeiro e realizar seus interesses, sendo muito ‘especializado e funcional’ (ALVES, Glória, 2010, p.56). A Augusta, por outro lado, reúne a função do lazer associada ao comércio e ao serviço, menos especializada e funcional, mas ainda pensada para o interesse econômica. As duas, entretanto, têm em comum o fato de surgirem no momento de descentralização econômica e política na metrópole de São Paulo, que permitiu a coexistência de diversos centros na cidade de São Paulo, se comparado ao cenário dos anos 70 em que ALVES(2010, p. 14) ressalta que o centro de São Paulo estava localizado somente no centro histórico da cidade (Sé, Luz, República e região).

A Augusta, para nós, exerce essa centralidade em diversos níveis, como vemos no centro expandido e sem concentrar atividades públicas e de teor decisório (cartórios, poupatempos, prédios e secretarias públicas) como o centro histórico. Para os LGBT’s, não sabemos ao certo as estatísticas de quantos moram na região, mas é notável o movimento periferia-centro para o uso associado a sexualidade e ao gênero, destacando ainda mais a centralidade presente ali, já que ALVES ressalta que as periferias “(...) dão aos polinúcleos o destaque de lugar da multiplicidade, da possibilidade e da vivência urbana.” (2010, p.36). Assim, assumimos que é a relação centro-periferia que dá sentido ao processo de produção de centralidades como a da Rua Augusta, no caso da população LGBT

Como evidência deste ponto, podemos observar quantas casas foram possíveis identificar na metodologia prevista e pelas fontes citadas fora do centro da cidade na Figura 4, assim como a presença de nenhuma delas na região do centro expandido. A pouca presença delas na periferia e a presença nula em Perdizes e

Alto de Pinheiros revelam que para os estabelecimentos LGBT's restam as posições de produção de centralidade ligada a menor especialização no momento atual da cidade, e que no passado ocupou o único centro existente na metrópole, que hoje se dispersou para diversos lugares ao seu redor.

III.2. - Discutindo a concentração de estabelecimentos e de uso pela população LGBT a partir dos conceitos de gueto e território de uso.

Sendo assim, até que ponto essa dispersão poderia ser justificada pelo processo de guetificação ou da formação de um território de uso?

A hipótese de guetificação, como cita Loïc Wacquant, denota:

“(...) uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio-moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes.” (WACQUANT, Loïc, 2004, p.1.)

No caso da presente pesquisa, observamos que há no centro LGBT da cidade de São Paulo uma rede de instituições ligadas a grupos específicos, mas não existe um truncamento do espaço, ou uma área urbana efetivamente restrita que cerque o espaço e a oportunidade de vida dos integrantes. Além disso, pelas observações realizadas nos trabalhos de campo, o uso dos estabelecimentos LGBT's não se limita a uma classe social, um gênero ou a uma sexualidade. Com isso, toda a suposta homogeneidade é quebrada e, o fato de serem majoritariamente locais privados voltado ao consumo, ocasionalmente com preço de entrada, revela um uso que exclui quem mora muito longe do local ou não tem renda para usufruir dos estabelecimentos, mas não constitui um isolamento sócio-moral, nem tampouco um truncamento do espaço.

Outros autores já discutiram se o local seria um gueto ou não. Edward Macrae, por exemplo, em 1983 chamou de gueto a ocupação homossexual no distrito República nos anos 70 que mostramos anteriormente a partir de James Green. Entretanto, o autor não coloca demais fundamentações teóricas e conceituais

para definir gueto, cita apenas como um local que possibilita alívio da opressão sofrida por grupos minoritários, com alguns vazios conceituais que atualmente não nos permitem identificar um gueto ligado a sexualidade na cidade de São Paulo. O autor dizia que:

“O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade.” (1983, p. 56).

Quanto ao território de uso, que SEABRA coloca como um local feito de espacializações ligadas diretamente à práxis social, revelando possibilidade de apropriação da cidade. Penso que em certa medida poderíamos dizer que se trata de territórios de uso, mas não constituídos a partir de um isolamento ou separação demarcada, porque há uma vinculação direta entre este uso e o entorno, diferentemente do que ocorre num condomínio fechado, por exemplo, como ela aponta. Nestes condomínios, mais especificamente em Alphaville e sua relação com as periferias em seu entorno, ela identifica o seguinte processo:

“A auto-segregação nada mais é do que um recurso estratégico que visa administrar a separação consumada nos territórios do urbano. Em decorrência, a apropriação, que é fruição de tempo e de espaço sob determinações e imperativos do movimento da propriedade em geral, é coagida, restringida, permitindo às experiências do âmbito de viver, apenas o nível do irrisório, dado ao fato que nada pode substituir aquilo que foi a maior de todas as riquezas: a cidade.” (SEABRA, Odette Carvalho de Lima, 2004, p.194)

O processo de surgimento dos estabelecimentos LGBT's na região da Augusta, portanto, não configura um território de uso em todos os termos colocados por SEABRA (2004) devido aos diversos agentes atuantes e os diversos usos

dados aos estabelecimentos locais. Essa diversidade demarca que o local não aparece para os LGBT's como local de uso isolado ou ainda de um gueto.

Apesar de os dois processos não configuram exatamente o que buscamos, parece-nos que o conceito de Território é o caminho para continuar a pensar o local e compreender melhor a problemática da pesquisa.

### III.3 - A territorialização da sexualidade - uma compreensão possível

ANDRADE (1998) em trabalho conjunto com outros geógrafos, discute o que seria Território para a geografia. O autor esclarece que um Território trata de um local ligado intimamente ao conflito em nações onde existem um Estado atuante. Nele, produzem-se identidades e disputas, podendo estar em escala nacional, regional, estadual ou local.

“O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais” (ANDRADE, Manuel Correia de, 1998, p.214).

Quanto a população no território, ele ainda afirma que produz-se ‘uma consciência de confraternização’ (ANDRADE, Manuel Correia de, 1998, p.215), e do ponto de vista político, observa-se ‘a ação de forças centrífugas que tentam desmembrá-los e de forças centrípetas que tentam concentrar o poder (...)’ (ANDRADE, Manuel Correia de, 1998, p. 215).

Em oposição a esta visão clássica da Geografia, HAESBAERT (2003) diz que, para além das relações de poder, o território constitui um aspecto cultural de apropriação, associado contraditoriamente com o processo de desterritorialização, processo este que se refere a criação de multiterritorialidades, e não ao fim de qualquer Território. HAESBAERT propõe não reduzir o território a uma dimensão política.

“Embora, ao contrário de Badle. tenhamos estendido a noção de território a toda história social. é Imprescindível situar historicamente o conceito. Daí termos distinguido o território “tradicional”, que estabelecia uma relação praticamente biunívoca entre identidade cultural e controle espacial, e os “territórios-rede modernos”, mutuamente exclusivos no caso dos Estados-Nações, mas mundialmente Integrados. Acrescentamos. ainda. a “multiterritorialidade” que seria a marca da “pós” ou “neo-modernidade” contemporânea.

Podemos então afirmar que o território é. ao mesmo tempo. um recurso ou instrumento de poder e um valor- valor este que vai além do simples valor de uso ou de troca. estendendo-se pela valorização simbólica identitário-existencial. Rompe-se, assim. a divisão entre território político (de adjetivação redundante) e território de identidade como alguns autores propõem, já. que se confundem o território enquanto recurso político e enquanto estratégia Identitária.” (HAESBAERT, Rogério, 2003, p. 15)

Sendo assim, penso ser possível compreender que, o que ocorre na Rua Augusta e região, pode ser chamado de uma territorialização da sexualidade. Identifico a produção de identidade LGBT em escala local, voltado a fruição e ao lazer, em um local disputado pelo Estado e pelo setor privado, como vimos anteriormente. Portanto, não se trata de uma territorialização institucional, do Estado, muito embora ações do Estado possam ter contribuído para sua constituição. Essa territorialização dá-se pelo uso do lugar a partir da concentração de estabelecimentos destinados ao público LGBT, ainda que associado a outros uso. Entendemos que um território está sempre em rede, em relação com seu entorno, e isto também foi verificado ali.

Em que termos esse tipo de territorialização pode ser pensado pela Geografia Urbana Crítica?

SILVA (2007), Professora Doutora de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em artigo sobre estudo de gênero no município de Ponta Grossa, aponta na construção de territórios urbanos influenciada por estereótipos de gênero. Ela relaciona a maior pobreza de mulheres em uma das periferias dessa cidade não somente a desigualdade de classe, mas também a desigualdades de gênero. Os papéis e estereótipos de gênero relacionados a mulher, seja a maternidade, ou a

desigualdade salarial, e como as mulheres líderes de família na periferia se encontram em uma área ainda mais degradada se colocada em comparação com o restante. Outros autores já anunciaram as influências da desigualdade de gênero como formadores de territórios e socializações, como FOUCAULT (1979) e FACCHINI (2005), que foram utilizados na formação desse projeto de pesquisa. SILVA (2007) faz esse mesmo estudo associado à Geografia Urbana Crítica e, assim como a autora, entendemos que gênero “(...) é concebido como um conceito e simultaneamente uma representação e, como tal, uma construção social permanentemente renovada, diferenciada espacial e temporalmente” (2007, p.25). Penso que o seguinte processo de territorialização é razoável para entendermos também a Augusta:

“(...) a noção de território desenvolvida pela geografia baseada na teoria masculina heterossexual burguesa envolve um tipo de propriedade, conquistada historicamente pela violência, e imaginada e estruturada como uma 'fortaleza', como proteção de si e a exclusão de outros. Nesse sentido, observa-se que há uma universalidade em termos de conquista espacial que se caracteriza como uma estratégia subjetiva de tornar invisíveis os outros oprimidos e capturados dentro do território. Entretanto, a invisibilidade dos 'outros' não implica a sua inexistência. Pelo contrário, só se justifica o uso da força no processo de luta e, portanto, o oprimido age através de seus atos de resistência.” (SILVA, 2007, p. 123).

A prática antes isolada na região República da cidade de São Paulo acabou se expandindo por diversos motivos junto da nova centralidade da metrópole. Não penso que se categoriza uma área de pouca segregação ou revolucionária no sentido dos direitos a toda a população LGBT, mas expressa, dentro da tentativa do que SILVA chamou de ‘invisibilizar o outro’, um processo de luta e atos de resistências.

## **Considerações Finais**

Neste trabalho, produziu-se um mapa dos estabelecimentos LGBT's no centro da cidade de São Paulo, revelando uma concentração na região do distrito República e nos arredores da Rua Augusta. Ao analisarmos ambas as concentrações, vimos que a da Rua Augusta expressa um processo de territorialização da sexualidade dentro dos termos da Geografia Crítica Urbana. Assim, restam questões finais que serão colocadas como hipóteses a serem pensadas a partir desta conclusão.

O movimento LGBT, portanto, nasceu das casas noturnas, estabelecimentos e ruas do centro de São Paulo, isso a partir dos anos 60. Vimos, aqui, que São Paulo revelou-se para LGBT's um grande produtor do espaço dentro da contradição da cidade, apresentando algumas características únicas em seu aspecto territorial ligado a apropriação cultural e movimentos de resistência a uma lógica hegemônica, mas ainda assim inserido dentro da lógica que comanda a cidade, voltada ao lucro.

Nascem, por fim, algumas questões com os resultados e conclusões obtidos: qual o impacto das lutas associadas a festa na região central de São Paulo? Quem veio primeiro, as festas gays dos anos 50 ou as iniciativas de politização sobre a população homossexual na época? São questões que não podemos responder aqui, mas que podem ser plausíveis de serem pesquisadas para entendermos a territorialização LGBT no centro da cidade de São Paulo.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, V. S. *espacialidades homossexuais masculinas como constituidoras da urbanidade: análise comparativa entre São Paulo e Paris*; orientadora: Fernanda Padovesi Fonseca. São Paulo. 2016.

ALMEIDA, V. S. *Existe gueto gay em São Paulo?*. In: VIII Semana de Pesquisa de Graduação em Geografia (2015) Revista Paisagens - Geografia / USP, 2015.

ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. in: Santos, M.A. e SILVEIRA, M.L. (org). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo. Hucitec,/ANPUR. 1996

ALVES, Glória *O USO DO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA POSSIBILIDADE DE APROPRIAÇÃO*: FFLCH, 2010, 268p.

CARLOS, A. F. A. *A Segregação como Fundamento da Crise Urbana*. In: SILVA, J. B. 2006

\_\_\_\_\_. *O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

\_\_\_\_\_. *Repensando a Geografia Urbana*. Revista do Departamento de Geografia, 6, 119-122, 2011.

FACCHINI, Regina. *Movimento Homossexual e Produção de Identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

\_\_\_\_\_. *Histórico da Luta LGBT no Brasil*. São Paulo: CRPSP, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, vol. 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GREEN, James N. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* / organizadores James N. Green e Ronaldo Trindade; participação José Fábio Barbosa da Silva... [et al.]. - São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MACRAE, Edward. *Em Defesa do Gueto*. São Paulo: USP, 1983.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Territórios do Uso: Cotidiano e Modo de Vida: CIDADES*. v. 1, n. 2, 2004, p. 181-206.

SILVA, J.M. *Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano: Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007

SILVA, Susana Maria Veleza da. *Geografia e Gênero / Geografia Feminista: O que é isto?* In: Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 105-110, 1998.

PISSARDO, Felipe Melo. *A Rua apropriada: estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 - 2012)*. São Paulo: FAU, 2013.

WACQUANT, Loïc. *Que é gueto? Construindo um conceito sociológico*. Curitiba: REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA Nº 23: 155-164, 2004.

## Guias Consultados

Portal crpsp, Histórico da luta de LGBT no Brasil. Disponível em <[http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/11/frames/fr\\_historico.aspx](http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx)> Acesso em julho de 2018.

Portal Diversidade Sexual - OLD. Disponível em <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/diversidade\\_sexualold/](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/diversidade_sexualold/)> Acesso em março de 2018.

Portal Folha, *Grupos dão visibilidade a gays da periferia*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u1206.shtml>> Acesso em março de 2018.

Portal Guia Gay São Paulo, *O que rola na cena LGBT em BH, Brasília, Floripa, Recife, São Paulo e Salvador*. Disponível em <<http://www.guiagaysaopaulo.com.br/colunas/a-cena>> Acesso em março de 2018

Portal São Paulo Guia LGBT. Disponível em <<http://lgbt.spturis.com.br/?interface=index-pt>> Acesso em março de 2018.

Portal Online “El espacio: producto social y valor de uso” - Henri Lefebvre. Disponível em <<https://marxismocritico.com/2017/04/27/el-espacio-producto-social-y-valor-de-uso/>> Acesso em abril de 2018.